

*Sentidos de escola em performance: um estudo na licenciatura em Educação do Campo*

*The meanings of school in performance: a study on Teacher Education in Rural Areas*

*Sentidos de la escuela en performance: un estudio en la Licenciatura de Educación de Campo*

Michelle Bocchi Gonçalves  
Universidade Federal do Paraná  
michellebocchi@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-2401-8470>

Odissea Boaventura de Oliveira  
Universidade Federal do Paraná  
odissea@terra.com.br  
<http://orcid.org/0000-0002-5775-2081>

**RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo investigar os sentidos atribuídos à escola por professores em formação a partir de um processo de experimentações performáticas vivenciadas em uma universidade pública no curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza. O percurso metodológico foi composto por uma série de jogos e brincadeiras, denominados experimentações performáticas, que desembocaram em uma vivência metodológica: Rituais Cotidianos Escolares. Os sujeitos foram convidados a realizar produções performáticas audiovisuais tendo como propósito representar os sentidos de escola em uma perspectiva performativo-discursiva. O embasamento teórico se ancorou nos Estudos da Performance na Educação (Educação performativa) e na Análise de Discurso de linha francesa. O estudo procurou apresentar a interface entre Performance e Educação como possibilidade de se pensar uma dimensão pedagógica em que a ação corporal se configure como posição dos sujeitos frente a uma realidade. Os resultados apontaram para sentidos relacionados à memória discursiva de uma escola hierarquizada e permeada por relações de poder. São esses elementos que possibilitam observar a potencialidade da performance para a educação e, em especial, para a formação docente, na medida em que coloca o corpo como linguagem e como lugar central, reconhecendo que as relações de poder têm um forte impacto sobre os corpos dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Corpo. Discurso. Formação docente. Performance.

**ABSTRACT**

*The present research aims to investigate the meanings attributed to the school by teachers in training from a process of performance experiments experienced in the Graduation Course in Field Education - Natural Sciences, from a public university. The methodological way was composed of a series of plays and games, called performance experiments that resulted in a methodological experience: Daily School Rituals. The students were invited to develop audiovisual performance with the purpose of representing the school meanings in a*

*performative-discursive perspective. The theoretical reference was anchored in the Studies of Performance in the Education (Performative Education) and Discourse Analysis of French Line. The study presents the interface between Performance and Education as a possibility to think of a pedagogical dimension in which the body's action is configured as the position of the students facing a reality. The results points to meanings associated to the discursive memory of a school hierarchized and permeated by relations of power. Elements that made possible the discussion about the potentiality of performance for education and, especially, for teacher education, according as the body language has a central and prominent place when recognizing that the inequalities of the relation with power have a strong impact on the students' bodies.*

**Keywords:** *Body. Discourse. Teacher training. Performance.*

## RESUMEN

*La presente pesquisa tiene como objetivo investigar los sentidos atribuidos a la escuela por los profesores en formación a partir de un proceso de experimentaciones performativas experimentadas en una universidad pública en el curso de Licenciatura en Educación de Campo - Ciencias de la Naturaleza. El trayecto metodológico fue estructurado compuesto por una serie de juegos y diversiones llamados experimentaciones performativas, que condujeron a una experiencia metodológica: Rituales Cotidianos Escolares. Los sujetos fueron invitados a realizar producciones performativas audiovisuales con el fin de representar los sentidos de la escuela en una perspectiva performativa-discursiva. La base teórica se sustenta en los Estudios de la Performance en Educación (Educación performativa) y en el Análisis del Discurso en la perspectiva francesa. El estudio buscó presentar la interfaz entre Performance y Educación como la posibilidad de pensar una dimensión pedagógica en la que la acción corporal se configura como la posición de los sujetos frente a una realidad. Los resultados indicaron sentidos relacionados con la memoria discursiva de una escuela jerarquizada y permeada por las relaciones de poder. Estos son los elementos que permiten observar el potencial de la performance para la educación y, en particular, para la formación docente, ya que ubica al cuerpo como lenguaje y como lugar central, reconociendo que las relaciones de poder tienen un fuerte impacto en los cuerpos de los sujetos.*

**Palabras clave:** *Cuerpo. Discurso. Formación docente. Performance.*

## Primeiras Palavras

*Ao prestar atenção não apenas ao que o corpo faz em sala de aula,  
mas a que significados e valores sociais responde esse corpo,  
a pedagogia performativa pode intervir nos rituais  
da escolarização sobre os quais não pensamos.  
Elise Pineau*

Interessa-nos a experimentação das intensidades de sensações que irrompem dos corpos em práticas performáticas que, na relação com a educação, apresentam-se como dispositivos de análise das práticas educativas e cotidianas. Práticas corporais foram

utilizadas como recurso potencializador para chegar ao trabalho com os Rituais Cotidianos, compreendidos aqui como experimentações performáticas.

Para estudar essas experimentações colocamos os Estudos da Performance na Educação (Educação performativa) e a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) para dialogarem.

Para a AD, a linguagem é lugar de embate, de conflito ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Ela nos possibilita discutir a intersecção do discurso, do sujeito e da história na elaboração de sentidos. Aqui, procuraremos articular espaço, corpo e movimento como determinantes do funcionamento do discurso, um corpo simbólico, que posiciona o sujeito como espaço de interpretação, de movimento, como um processo de identificação que se inscreve em uma formação discursiva (ORLANDI, 2014).

Para os Estudos da Performance, interessam o conhecimento educacional que toma a “escolaridade do corpo” como ponto de partida. Os Estudos da Performance tem sido nomeados, também, na acepção de Pineau (2013), de Pedagogia performativa, a qual destaca como importante fator o reconhecimento de que as desigualdades da relação com o poder têm um forte impacto sobre os corpos dos sujeitos na/da educação de modo que o meio de confronto e resistência é a ação corporal. E nossos estudos, temos utilizado o termo Educação performative, por compreender a amplitude temática que pode vir a ser investigada a partir desse escopo teórico.

A pesquisa foi realizada ao longo de três semestres no contexto da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, de uma universidade pública e teve como mote de ação a metodologia da vivência de experimentos performáticos, como jogos e brincadeiras corporais e de Rituais Cotidianos (RYNGAERT, 2009), ou seja, a repetição/reprodução de ações cotidianas como forma de ressignificar o vivido a partir de lentes aumentadas sobre o dia-a-dia. Ao final, os professores em formação foram convidados a realizar produções audiovisuais tomando a escola como foco.

Analisamos, aqui, uma dessas produções tendo como questões de estudo: *Quais sentidos de escola são atribuídos por licenciandos que vivenciaram ao longo da formação uma proposta performativa? Qual a relação entre os experimentos performáticos vivenciados e as memórias de escola enquanto aluno? Que projeção de escola os experimentos performáticos provocaram nesses licenciandos?*

Para respondê-las, apropriamo-nos de quatro categorias que Pineau (2010) apresenta como fundamento de sua prática: poética, representação, processo e poder. Estas se articulam em função de que a “poética da performance educacional salienta as dimensões estéticas do ensinar e do aprender, o contínuo fazer e refazer de ideias e identidades no espaço compartilhado da sala de aula” (PINEAU, 2010, p. 98).

Subdividimos o texto em sessões. Iniciamos apresentando nossos apoios teóricos, a performance e os estudos sobre discurso, para depois contextualizar a educação do campo e as condições de produção da pesquisa e, por último, a análise.

## Estudos da performance na educação: a Educação performativa

Partimos do princípio de que a performance se apresenta como dispositivo capaz de dar visibilidade às marcas da história e da cultura impressas sobre um corpo. Trazendo essa compreensão para o contexto escolar, podemos retomar as contribuições de Ervin Goffman, que em sua obra *A representação do eu na vida cotidiana*, defende que grande parte do comportamento cotidiano é semelhante ao de atores no palco. Os sujeitos apresentariam, assim, formas de expressão que lhes conferem o direito de representar sua função em determinado papel.

Desse modo, a relação entre professores e alunos seria mediada pela compreensão das exigências de cada papel desempenhado. Em geral, coloca-se sobre o professor a responsabilidade de saber fazer/desempenhar bem o seu papel. Espera-se que ele utilize bem as palavras, os gestos, as construções discursivas da voz e do corpo. No entanto, a performance quer mais do que fixar papéis ou mostrar como eles devem ser desempenhados, ela quer demandar o imaginário, a subjetividade, a presença. Seu interesse é possibilitar a apropriação de diferentes papéis e experimentar fronteiras de identidade que possam questionar padrões dominantes.

A relação dos estudos da performance com a educação oferece uma gama de possibilidades que vão desde reflexões sobre as relações sociais, passando por discussões sobre identidades de gênero e de raça, estética, infância e currículo até a análise de rituais da vida cotidiana, entre outros (ICLE, 2011). Mas é, segundo Pineau (2010), pela categoria da função poética que a performance pode abarcar o “fazer, o realizar, ou seja, levar a termo um possível tornar ato o que se encontra em potência, destruir uma ordem, inaugurar outra” (PEREIRA, 2012, p. 295). Pela alteração de uma ordem estabelecida,

mediada pela ação poética, a performance proporciona abertura para irromper novos sentidos e operar como forma produtora de cultura, o que particularmente nos interessa.

A modificação proporcionada por diferentes formas de ação abre espaço para que se compreendam diferentes práticas culturais e a conseqüente produção de identidades, modos de ser, agir, ocupar lugares e posições que, por sua vez, resultam em discursividades.

O corpo assume a centralidade na performance, ele participa, age, recupera e reproduz hábitos apreendidos em sua trajetória de construção. Por ele e por meio dele sintetizam-se significações de ordem histórica, social e cultural que podem ser analisadas na sua relação com o espaço e com o tempo.

Pela perspectiva da Educação performativa, os corpos, na sala de aula, são estudados como corpos em ação, fisicamente em ativismo. O empenho dessa vertente teórica está na pesquisa de corpos particulares que representam a si mesmos na sala de aula, promovendo uma análise evocativa de como cada um desses corpos vê e experimenta a vida e as interações (PINEAU, 2013).

Também pertencem ao campo da Educação performativa questões sobre o como ensinar performativamente em um contexto no qual ainda imperam as disciplinas e a própria disciplina dos corpos como ordem estabelecida e negociada entre os agentes educativos. Vejamos algumas interrogações de Pineau (2013, p. 56):

O que fazer, por exemplo, em uma classe que não permite a performance do estudante no sentido tradicional de se mover pelo espaço? O que um curso pareceria -e o mais importante, dá a sentir-se a ementa foi projetada de acordo com um modelo de trabalho colaborativo? Pode a metodologia da performance ser integrada ao currículo do mesmo modo com o qual a escrita foi implementada? Uma importante tese da pedagogia performativa crítica será o de aplicá-la tão frutiferamente aos cursos de Ciências Exatas quanto aos das artes performáticas.

Assim, o risco de uma Educação performativa é justamente a abertura de uma porta para uma “sala de aula aparentemente caótica” (PINEAU, 2013), na qual tudo o que for solicitado aos estudantes possa ser contestado ou reduzido ao *status* de prática de aspecto duvidoso. Pineau (2013) alerta, ainda, para a possibilidade de que a ampliação do próprio conceito de performance cause rupturas e fraturas de ordem institucional e epistemológica, ultrapassando a ideia de que um sujeito deva apenas “ser” em sala de aula, avançando para a compreensão do “performar” como modo de existência.

Como dissemos acima, algumas categorias de Pineau (2010) interessam, particularmente, à proposta desta pesquisa, são eles: a poética, a representação, o processo e o poder. A poética da performance educacional privilegia a dimensão criativa e a construção da prática pedagógica, ao valorizar a negociação de novas formas de conhecimento, a considerar o empreendimento educacional como um conjunto de narradores e histórias, a compreender o ensino como “drama improvisado que ocorre dentro de uma narrativa curricular” (PINEAU, 2010, p. 97) em detrimento do depósito de informações ou de acumulação de competências disciplinares.

Quanto à representação, a natureza lúdica da performance, relacionada à improvisação, ao jogo, à experimentação, à agitação, abre espaço para a desconstrução e reconstrução da realidade, proporcionando uma autorreflexão sobre o corpo. Assim, com a prática do jogo, pode ocorrer a destruição de padrões, a desestabilização de relações de poder, a quebra de normas, o estranhamento de comportamentos. O que possibilita questionar: “É a subversão na sala de aula genuinamente revolucionária ou é um acontecimento isolado rapidamente contido e controlado pela instituição?” (PINEAU, 2010, p.101).

Já o processo educacional é compreendido aqui como o emergente, o provisório, o dinâmico e que demanda a mudança do produto para a produtividade, uma vez que o processo de produção em uma metodologia da performance requer um engajamento do corpo de modo reflexivo. Trata-se de um comprometimento em sentir os ritmos do comportamento humano comunicativo.

Por fim, para questionar o poder educacional cabem as seguintes perguntas:

Como a performance reproduz, legitima, confirma ou desafia, critica ou subverte a ideologia? [...] Como as performances são situadas entre as forças de acomodação e resistência? O que elas simultaneamente reproduzem e de que maneira se contrapõem à hegemonia? Quais são os recursos performativos para interromper os scripts oficiais? (CONQUERGOOD, 1996, p. 84 apud PINEAU, 2010, p. 106).

Assim, levando em conta as quatro categorias destacadas por Pineau (2010), os estudantes foram convidados a participar do processo performativo investigativo. Um processo que teve por objetivo marcá-los, constituí-los e convocá-los a olharem, ao mesmo tempo, relembrando seu passado, visitando seu presente e vislumbrando seu futuro.

Nesse ponto, vale destacar que o lembrar, visitar, vislumbrar sua história em um movimento cronológico para frente e para trás de uma forma não necessariamente

organizada no tempo e no espaço possibilitou que esse professor em formação produzisse práticas performáticas disparadoras de reflexões críticas sobre a própria educação recebida e ao seu papel enquanto futuros educadores.

Assim, performar, nesta pesquisa, significa agir em um mundo que existe por meio de jogos de linguagem que se estabelecem na relação entre sujeitos reais, restituindo práticas incorporadas ao longo de suas vidas e de suas experiências.

## Corpo e discurso

As discursividades da performance demandam a abordagem da vinculação entre corpo e discurso. Ambos se constituem, complementam-se e produzem materialidades passíveis de análise. Orlandi (2014), ao apontar o Parkour<sup>1</sup> como uma reescrita do sujeito em sua relação com o corpo, com o espaço e com a sociedade, estimula-nos a aproximá-lo da performance e a conceber ambos como discurso.

O Parkour, estética urbana pela qual o sujeito se inscreve corporalmente no espaço da cidade/metrópole, é também um modo que transcende espaços urbanos, ensejam acontecimentos significativos, como as pichações nos muros e os grafites. Orlandi (2012, p. 86) esclarece que “o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade, ao corpo social. E isto é constitutivo, é parte de seu processo de significação e não algo apenas exterior a ele”. A autora mobiliza conceitos de espaço, tempo e discurso sugerindo a noção de espaços narrativos pelos quais os sujeitos podem encontrar formulações próprias aos seus lugares de vida. Sugerindo o conceito de “Narratividade urbana: o corpo do sujeito e o da cidade, juntos, na formulação” (ORLANDI, 2014, p.77).

No caso da performance, é importante reconhecer que ela se constitui enquanto forma material de significação do sujeito. Forma transpassada por seu corpo em uma formulação inscrita em determinado espaço. Os sujeitos do campo, participantes desta pesquisa, têm seus corpos inscritos discursivamente no espaço de formação, mas também são corpos marcados simbolicamente pelo campo, um propulsor de sentidos. Assim, é o

---

<sup>1</sup> O Parkour foi criado na França, por David Belle, desportista francês. Ainda muito jovem tornou-se um Bombeiro Sapador Parisiense, mais tarde entrou para o exército francês e ganhou mérito batendo recordes dos treinos. David sempre colocou em prática técnicas/treinos militares com os amigos. A brincadeira originou o nome da prática, Parkour, também conhecido como arte do deslocamento. “É uma atividade cujo princípio é mover-se de um ponto a outro o mais rápido e eficientemente possível, usando principalmente as habilidades do corpo humano. Criado para ajudar a superar obstáculos de qualquer natureza no ambiente circundante - desde galhos e pedras até grades e paredes de concreto- e pode ser praticado em áreas rurais e urbanas” (ORLANDI, 2014, p.79).

campo quem os marca, quem os constitui, quem os forma enquanto professores. A performance, interessada na ação comunicativa do corpo, tem seu traço autoral ligado à cultura, a qual marca a identidade do sujeito em sua existência pessoal, social, política etc. Para Orlandi (2012, p.97), “não se pode pensar o sujeito sem o corpo, e o corpo sem o sujeito e os sentidos”.

Sagasetta (2014), ao discutir a performance como conceito híbrido e não fixo, ressalta a noção de acontecimento. É a partir de uma perspectiva de imprevisibilidade que a performance se apresenta como evento/ocorrência que inclui trajetos e modos de impressão do corpo no espaço e encontra, conseqüentemente, discursividades de um sujeito que se diz, que se narra. Já para Orlandi (2014, p. 77), o sujeito é parte do acontecimento do significativo. Para ela, interessa a “tomada dos lugares, dos momentos que precisam de sentidos e que se significam seja pela arte, pela desorganização do discurso ordinário, ou pela violência que desorganiza o imaginário”.

Pensar a performance como acontecimento discursivo significa colocá-la em um lugar de fronteira, no qual a indistinção entre o corpo do sujeito e o corpo da cidade (ou do campo) é marca necessária. Portanto, mesmo se houver silenciamento de uma das partes, seja do sujeito ou do espaço, de alguma forma haverá um flagrante discursivo, uma formulação, ou seja, uma manifestação repentina de inspiração.

Assim, o corpo em performance possibilita ao sujeito sua própria textualização devido à oportunidade de se atribuir sentidos, de produzir gestos de interpretação de si aliada ao reconhecimento e à autocontemplação de sua realidade. A prática discursiva surge, nessa situação, como materialidade do corpo que se textualiza no espaço a partir de uma memória que se diz no desencadear de um processo identitário.

Como dissemos, nesta pesquisa procuraremos analisar o corpo como materialidade de significação do sujeito em sua relação com o espaço. Para isso, apoiamos também nas contribuições de Orlandi (2014), procurando captar o funcionamento do discurso nos processos de significação do espaço-corpo-movimento dos futuros professores, uma vez que nos interessam os corpos que se textualizam no espaço a partir da forma que se faz narrativa ao conjugar o corpo a um atravessamento interdiscursivo.

O deslize de sentidos entre corpo do sujeito, história e espaço oferece ao universo da interpretação diversas formas de considerar as narrativas de si e, inclusive, as formas de narrar-se. Ao dizer de si em *performance*, o sujeito pontua seus modos de ocupar o espaço e de se relacionar com as práticas culturais das quais participa. Essa dinâmica é



capaz de deslocar o gesto, o corpo e sua identidade (ORLANDI, 2014) e interrogar as maneiras de ser em diferentes espaços de vivência e experiência.

## Educação do campo em cena

Começamos por considerar que a cena educacional brasileira passou por transformações significativas ultimamente. Uma delas é o protagonismo do Movimento de Educação do Campo. Voltando o olhar para os sujeitos sociais do campo nos processos de luta pela desapropriação de terras, a Educação do Campo inaugurou um projeto de educação da classe trabalhadora, buscando garantir o acesso ao conhecimento e o direito à educação.

Para possibilitar um descolamento da concepção de educação rural (vinculada à noção de precariedade, assistencialismo e controle político sobre o homem da terra), foi necessário dar voz aos sujeitos do campo. O pensamento educacional para a Educação do Campo foi criado pelos povos do campo, que adquiriram forças para quebrar paradigmas da educação rural, buscando direitos e melhores condições pedagógicas e administrativas para suas escolas, inclusive a formação de professores para essa realidade específica. Assim, a Educação do Campo foi se integrando à agenda de alguns governos, evidenciando que não se trata apenas de expandir no campo o modelo de escola predominante, mas que é necessária outra lógica de organização escolar e trabalho pedagógico.

Com essa perspectiva, o curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, de uma Universidade Pública, aqui investigado, foi implantado em 2015 e tem sua base na Pedagogia da Alternância, assegurando a organização dos tempos e espaços conforme a realidade do campo. Utiliza de estratégias que atendem à flexibilização do calendário escolar em diálogo com a vida e o trabalho dos discentes no campo. Conjuga, assim, períodos alternativos de formação na universidade com períodos de vivência junto à agricultura familiar. Desse modo, o estudante desenvolve pesquisas, projetos e atividades de grupo, por meio das orientações e acompanhamento dos docentes, visando a uma aproximação entre as atividades desenvolvidas nas comunidades e as atividades curriculares do assim chamado Tempo Universidade.

O Tempo Universidade se organiza de forma itinerante com o deslocamento dos professores para junto das comunidades, ou seja, a Universidade é alocada em lugares (físicos) emprestados, por meio de acordos e parcerias com municípios, movimentos sociais e outras instituições. Já os Espaços Curriculares de Aprendizagem se compõem de

três eixos básicos: os Projetos de Aprendizagens, As Interações Culturais e Humanísticas e os Fundamentos Teóricos Práticos. Cada espaço curricular está inserido em uma fase do currículo: 1) Conhecer e Compreender; 2) Compreender e Propor; 3) Propor e Agir.

A presente pesquisa foi desenvolvida nos primeiros três semestres do curso, no âmbito das seguintes disciplinas: Educação, ciências e a questão agrária no Brasil; Interações culturais e humanísticas; Projetos de aprendizagem; Estágio supervisionado I e II; Pesquisa como princípio educativo e a prática de ensino. Cabe salientar que os professores trabalham em grupos com as disciplinas integradas em forma de projetos.

Ouvir os discentes foi a metodologia adotada. No primeiro dia de aula foi solicitado que falassem de suas histórias de vida. Chamou-nos atenção a importância da escola na constituição desses sujeitos, seja pelas inúmeras dificuldades encontradas para permanecerem na escola, seja por buscarem no estudo formas de empoderamento e compreensão de si como sujeitos participantes de realidades específicas.

## Percurso metodológico

A pesquisa foi realizada junto a uma turma do curso de licenciatura em educação do campo, cujas aulas aconteciam sextas, sábados e domingos, com intervalos (alternâncias) de duas ou três semanas, e deu-se a partir de um processo de aproximação com práticas de jogo e vivências corporais, de experimentações performáticas, finalizando com a produção de performances audiovisuais sobre a escola.

As experimentações performáticas foram propostas com o objetivo inicial de movimentar/descontrair os discentes, pois embora aparentassem disposição para sair da sala de aula e explorar o espaço externo, atividades como alongamentos ou aquecimentos, pareciam causar certo desconforto e desconfiança com relação à própria construção do conhecimento. Aos poucos foram percebendo que essas práticas se constituíam em autodescoberta e autoconhecimento. Elas possibilitaram desenvolver proximidade com o debate estético-performativo e alcançar a meta dessa pesquisa (produções performáticas audiovisuais sobre os sentidos de escola). Para cada encontro com o grupo havia um tempo reservado ao trabalho com diferentes experimentações performáticas como: Caminhada no espaço; Cantar e dançar; Jana Cabana; Jogo do abraço, Jogo dos cinco sentidos, dentre outros.

Após realizadas várias experimentações performáticas, foi proposto aos discentes um jogo de Ryngaert (2009) denominado *A Pequena Música dos Rituais*, que consiste em

representar corporalmente rituais que realizamos no dia-a-dia, como por exemplo, escovar os dentes, tomar uma xícara de café, atender o celular, etc. Após dois encontros trabalhando com essa metodologia, foi solicitado que concentrassem os esforços em reproduzir rituais cotidianos sobre/na/da escola.

Assim, no final do semestre, os discentes deveriam preparar uma produção performática audiovisual com o tema *A escola*, a partir do trabalho desenvolvido com os rituais cotidianos escolares e considerando todo o processo de vivências com as experimentações performáticas anteriores. Nessa produção eles poderiam (re)construir sentidos de escola, revisitar a escola de suas memórias, de suas infâncias, de seus tempos presentes ou de suas expectativas futuras. Além disso, seguindo a metodologia dos rituais, as produções performáticas audiovisuais deveriam ser silenciosas, sem texto oral e sem trilha sonora, somente seus corpos em performance encenando os sentidos de escola.

## Performance em prática

Os vídeos produzidos apresentaram similaridades. Por conta disso, selecionamos um deles para centrar nossa análise. O roteiro performático do vídeo escolhido para análise foi nomeado por nós como *Taco de beisebol*. A performance se ambienta em uma pequena sala de aula, com carteiras e cadeiras enfileiradas, direcionadas à mesa destinada à figura do professor. Nesta, uma pilha de livros se contrapõe a um taco de beisebol, representando, certamente, uma palmatória. Ao fundo, em uma parede lateral, encontram-se armários plenos de caixas de papelão (provavelmente, repletas de materiais escolares) ao lado de três carteiras sobre as quais repousam uma mochila, um capacete, duas sacolas e uma bombona de água, próxima à porta que pode ser vista no canto direito superior.



**Figura 1** - Produção Audiovisual “Taco de beisebol” [Tempo - 00:01]

**Fonte:** Gonçalves (2016)

Por essa porta pode ser vista a imagem da professora que adentra o espaço, seguida de seis estudantes devidamente uniformizados que a acompanham em fila até suas cadeiras. A professora dá início ao rito da chamada, representado silenciosamente pelos participantes da pesquisa (aqui chamados de *performers*) com uma mão levantada, indicando sua presença na aula.

Até esse momento não há qualquer indício de caos, ou de crise estabelecida por alguma desordem (aparentemente) instaurada. Os corpos dos *performers*, sentados, comportados, posicionados de forma quase idêntica (joelhos semidobrados, pernas entrecruzadas, antebraços sobre as carteiras, olhares cabisbaixos) deixam transparecer uma escola rigorosa e pouco festiva.



**Figura 1** - Produção Audiovisual “Taco de beisebol” [Tempo - 00:32]

**Fonte:** Gonçalves (2016)

Ao terminar o rito da chamada, a performer-professora fecha o livro que representa o diário de classe e começa a distribuir os livros que estão sobre sua mesa. Sem levantar-se, ela coloca um livro por vez em cima de uma carteira vazia à sua frente, cada aluno levanta-se para pegar o seu. A expressão carrancuda da professora denuncia o desejo de permanência da ordem, do silêncio e da obediência. Depois de todos os estudantes retornarem aos seus lugares a professora fica em pé e sinaliza, gestualmente, que agora é a hora de copiar.

Inicia-se, assim, o rito da cópia. Enquanto a performer-professora simula uma escritura no quadro, os estudantes simulam, em seus livros, uma ação de cópia, atenta e

concentrada, que dura, aproximadamente, sessenta segundos. Esse momento é bastante significativo porque não há nele nenhum tipo de conversa oral, nem mesmo qualquer tipo de comunicação silenciosa entre os performers-estudantes.

Quando a performer-professora termina sua escritura no quadro e retorna ao seu assento, uma das performers-alunas levanta-se e mostra o seu texto copiado para a professora. Tem como resposta uma sinalização gestual com a mão direita que indica um veemente e forte “não”, indicando sua insatisfação com relação à atividade realizada. Após devolver, grosseiramente, o livro à aluna, a professora bate, rapidamente, com o taco de beisebol na mesa, despertando alguns olhares dos demais estudantes-performers. A demonstração de autoritarismo por parte da professora fica cada vez mais evidente, inclusive, na forma como se organiza corporalmente.

Em seguida, uma das performers-alunas levanta-se e segue com seu livro em direção a um colega, como se estivesse pedindo-lhe algum auxílio. A performer-professora, imediatamente, sai do seu lugar e caminha até a carteira na qual os dois, aparentemente, conversam e, munida de seu taco de beisebol (sua palmatória), aponta veementemente para o lugar de onde a performer-aluna saiu, indicando que ela deveria voltar e se enquadrar na norma escolar: sentar e silenciar.

Com corpos visivelmente acuados, os performers-estudantes permanecem por um tempo em silêncio e escrevendo enquanto a performer-professora retorna ao seu lugar, sua mesa. Passados alguns segundos do vídeo, uma performer-aluna sentada mais ao fundo da sala cutuca sua colega da frente e esta se vira para trás a fim de atendê-la. Percebendo que a professora vê a movimentação e levanta-se para ir ao encontro delas, as alunas logo se reposicionam, curvam os ombros, baixam os olhares e se calam diante da nova ameaça da professora com o taco de beisebol. Um semissorriso estampa o rosto dos performers-estudantes, denunciando a dificuldade de manter a disciplina. Dificuldade que pode ser interpretada aqui como expressão da falta de um corpo atuante. Uma dificuldade perceptível no riso nervoso provocado pelo impacto da cena. Chamamos atenção para o fato de que um semissorriso em um momento tão significativo e forte pode indicar que seus corpos estão em uma situação conscientemente performática.

Após dar um passeio pela sala, em torno dos estudantes, a performer-professora retorna, mais uma vez, à sua cadeira e começa a organizar os livros sobre a mesa. Nesta cena, a ordem se estabelece e é representada também na organização do material de

trabalho. Não há espaço para o caos, nem mesmo nos livros, que não podem, em hipótese alguma, ficar espalhados sobre a mesa da professora.

Após perceberem que a performer-professora está sentada e devidamente pronta para a continuidade do rito, os performers-estudantes, um por um se levantam de suas cadeiras e devolvem o livro. Enquanto devolvem, a professora, obcecada pela ordem, arruma os livros que ali vão sendo colocados, em uma pilha, sobrepostos uns sobre os outros. Não há agradecimento, não há despedida. Os performers-estudantes, após entregarem seus livros, vão saindo da sala. É importante ressaltar que cada performer-aluno só se levanta depois de seu colega ter entregado o livro para a professora.

Com a saída de todos os performers-estudantes da sala de aula, a performer-professora levanta-se e começa a apagar, solitariamente, o quadro sobre o qual antes escrevera. E por fim, também se retira da sala.

## Performance em análise

Ao performarem o ritual cotidiano da/sobre/na escola, os performers-estudantes se posicionam como autores e produtores de sentido, sentidos de escola. É perceptível, na produção visual, que seus corpos se manifestam discursivamente, traduzindo suas memórias de escola, incluindo aí, uma construção de sentidos bastante significativa quando consideradas as posições das quais esses sujeitos enunciam: a de professores em formação.

O vídeo aponta para algumas questões fundamentais para se pensar os sentidos de escola atribuídos por esses sujeitos. Primeiramente, sinaliza como espaço de significação uma escola que pode parecer longínqua e distante na relação com o tempo, mas que está ainda bastante presente em suas memórias. Ao acessar essas memórias vêm à tona diferentes elementos que as constituem, como por exemplo, silêncio na sala de aula, ordem das carteiras, cópia do quadro negro, rotina de tarefas, temor ao professor, uniformização dos corpos, hierarquização na relação professor-aluno, autoritarismo docente.

Buscamos explicar a presença de tais elementos recorrendo a Kasper (2011) quando aponta que um dos principais termos da pedagogia para definir processos educativos formais é *controlar*, o qual muitas vezes é confundido com o ato de ensinar. Abordando a relação entre controle e medo, a autora adverte que o medo é um dos eixos

mais importantes da relação professor-estudante, seja este um medo de perder o controle, por parte do professor, seja o próprio medo de aprender e descobrir novos mundos, por parte do estudante. Nas palavras da autora,

Esses medos podem nos aprisionar, dificultando nossa abertura para o novo, para o inesperado, para o outro. Não se trata de pregar o descontrole, mas de entender que a obsessão pelo controle pode inviabilizar possibilidades de novas experiências, aprisionando-nos nas formas conhecidas (KASPER, 2011, p. 82).

O medo talvez tenha sido o sentimento preponderante na vida escolar desses futuros professores, pois ao relacionar o lúdico (ritual) com o afetivo (memória) e a corporeidade foi possível observar um corpo performático mostrando um sujeito marcado por construções culturais de poder. Autoridade e poder que, conforme Pineau (2010), fundamentam o paradigma da performance, preponderam nessa reprodução ideológica de escola.

Trata-se de uma reprodução/representação que remonta a discursos pré-construídos sobre a escola que, por sua vez, estão impregnados de uma memória social. Mesmo aqueles performers-estudantes que não tenham vivenciado uma escola que tinha como presença física a palmatória, por exemplo, sabem, por movimentos histórico-sociais que essa escola existiu. É aí que o vídeo, enquanto materialidade, atualiza a historicidade de um acontecimento discursivo.

As práticas instituídas, na produção visual, representando o dia-a-dia da escola, sinalizam uma rotina e mostram um ponto de vista estático, ou pouco flexível, ao longo do tempo. Qualquer movimento contraditório poderia ser interpretado como transgressão à norma e isso não acontece no vídeo. Além disso, o conhecimento depositário se presentifica por meio da cópia, enfaticamente representada.

A inflexibilidade e a hegemonia inscrita nos símbolos fisionômicos dos estudantes podem ser percebidas nos gestos invariáveis e monótonos que se constituem nas ações corporais uniformizadas como: permanecer sentados, obedecer a formas corretas de se levantar, pegar um livro, levantar as mãos para responder à chamada. São ações que denunciam a história de opressão e os resíduos de dominação escolar.

O vídeo alcança, para além da relação performática com o discurso escolar, uma poética (PINEAU, 2010) capaz de estabelecer, com o espectador, códigos afetivos e sensoriais. A imagem da professora, sozinha, ainda de expressão sisuda e fechada, executando uma tarefa diária de apagar o quadro, complementada por seu olhar perdido

ao ver a sala vazia, é bastante significativa no que se refere à autoimagem de professor. Essa imagem fornece indício de uma percepção de si que não se esgota na imagem da saída da professora da sala de aula com seus livros e seu taco de beisebol. Outra indicação que emerge nesse final do vídeo, é que enquanto os estudantes passam pela escola e por ela são marcados/constituídos, o professor permanece e continua o seu ofício.

É interessante ressaltar que o processo de formação na Licenciatura em questão prevê uma relação com o saber visando uma pedagogia libertadora, que preze pela autonomia do educando, desde a possibilidade do trabalho docente por projetos de interesse dos acadêmicos discentes até a reconfiguração do próprio espaço da sala de aula (rodas de conversa e cadeiras dispostas em círculo, por exemplo). No entanto, no vídeo, tais práticas pedagógicas vivenciadas no curso não foram marcantes para performarem a escola.

A escola da qual falam ainda é uma escola da memória, de tradicionalismos. Assim, podemos perceber que a memória não é aniquilada por um novo acontecimento. Ela sobrevive sob forma de conflitos e discursos antagônicos, que podem até se resignificar, mas não se despedem das marcas constitutivas que deixam em seus sujeitos (FRANÇA, 2016).

Os performers-estudantes mostram, portanto, uma escola que não se livra das marcas históricas, na qual a rotina e os métodos tradicionais ainda imperam, mesmo no século XXI, quando já não há *taco de beisebol* (palmatória). Contudo, ainda é carregada de símbolos hierárquicos e pelos quais ainda se estabelecem jogos de poder e relações de força. Mesmo com o avanço das teorias visando a uma educação libertadora, a escola ainda não conseguiu se desvincular de sua própria constituição histórica e continua sendo reconhecida como um espaço de regras e de rigor.

Acreditamos que ao performar o cotidiano da sala de aula, os estudantes não estão apenas reproduzindo um tipo de escolarização a que foram submetidos ao longo de suas vidas. Eles apresentam, pelas vias dos rituais cotidianos, uma forma de dizer que reconhecem a formatação que a escola lhes impôs. Ao trazer seus corpos escolarizados para a discussão os estudantes-performers expuseram as contradições, incoerências, autoritarismos e o agir das forças e do poder na sala de aula, denunciando, de certa forma, a historicidade que constitui suas identidades balizadas pelo ritual escolar.

Assim, para re(construir) os sentidos de escola, para negar os sentidos impostos e validados, cabe a educadores e estudantes revisitarem as memórias. Defendemos o



recurso à memória discursiva como um retorno/repetição dos valores pré-construídos possibilitando deslocamentos, reinvenções, reconstruções e desdobramentos, o que implica em pensar a escola do futuro como um contra-discurso, uma resistência que precisa ser antecipada, precisa se deslocar do futuro para o presente.

Esses professores em formação vivenciaram outras experiências ao longo do curso, mas não representaram na produção visual uma alternativa para aquilo que é conhecido quando se fala de escola, de corpo, de educação. Cremos ser importante refletir sobre as barreiras que impedem que a escola ultrapasse seus próprios muros e paredes.

### Para (não) finalizar

Respondendo às questões propulsoras desse estudo, apontadas no início, quanto aos sentidos de escola manifestados na performance pelos licenciandos, sobre a relação entre os experimentos performáticos, as memórias e a projeção de escola, defendemos o potencial da Educação performativa para significar a prática educativa, o enfrentamento de corpos discursivos e a memória de modelos hegemônicos.

Se a memória se constitui enquanto espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos pode-se dizer que mesmo criando momentos de resistência que vislumbrassem novas perspectivas de educação, formação, relação, interação e saber, não foi possível deslocar a imagem construída de uma escola autoritária.

São organizações hierárquicas e normas instauradas historicamente, que marcaram corpos atuantes/performativos.

Pensar a relação entre Performance e Educação conforme Pereira (2012), requer propô-la como espaço para dizer, para enunciar, para jogar. Algo que se dá entre lacunas, intervalos e entrelugares. É aí que entra em cena a importância de uma dimensão ético-estética na formação docente. Dimensão que possibilita lançá-la como pergunta inquietante sobre outras formas de pensar a sala de aula, a escola e seus sujeitos.

Masschelein e Simons (2013) advertem para o fato de que a instituição escolar é uma invenção histórica, e como tal, corre o risco de desaparecimento. Partindo da problematização advinda das percepções do senso comum, que atribuem à escola uma função ligada a um espaço no qual crianças e jovens podem ter acesso ao conhecimento que possa garantir seu acesso à sociedade, ou de instituição que insere crianças no mundo, contribuindo para a socialização e iniciação às regras de determinada cultura, cabe aos

estudiosos da educação, mais do que esboçar uma escola ideal, “articular um marco para a escola do futuro” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 29).

McLaren (1991) descreve os rituais como um sistema caracterizado por uma série de segmentos: micro-rituais (lições do cotidiano da sala de aula); macro-rituais (o entre, o antes e o depois das lições da sala de aula); rituais de revitalização (renovação dos compromissos para com as práticas escolares); rituais de intensificação (com investidas na unidade do grupo) e rituais de resistência (estes, agindo como elementos de desestruturação das relações e reveladores de fissuras e conflitos). Seu estudo nos possibilita olhar para a relação entre corpo e submissão no sistema de escolarização, de forma que hábitos adquiridos e consolidados pelo corpo possam parecer naturais, tanto para professores quanto para estudantes, correndo o risco de deixar de serem percebidos como parte de um processo de construção cultural.

Enquanto professores em formação, a expectativa de lecionar se configura, também, como uma ação prática comprometida com essa formação atual que vivenciam, mas que não se desvincula de suas histórias enquanto estudantes, nem do imaginário que têm da escola e seus agentes. Segundo Pineau (2010, p. 104), “ao prestar atenção não apenas ao que o corpo faz em sala de aula, mas a que significados e valores sociais responde esse corpo, a pedagogia performativa pode intervir nos rituais da escolarização sobre os quais não pensamos”.

Aqui, é possível novamente destacar a potencialidade da performance para a educação e em especial para a formação docente. Ela possibilita “inventar formas renovadas de interação, não apenas entre conhecimentos, saberes, informações; mas também entre sujeitos, papéis, personagens, ideias, espaços, tempos” (ICLE, 2011, p. 21). Não é para o entretenimento dos outros ou para uma avaliação externa vinculada a uma espécie de demonstração que o trabalho com a performance se direciona, mas sim para uma concepção de corpo atrelada à aprendizagem, a um emaranhado de experiências em processo, em discussão, em reflexão.

Esperamos que esta pesquisa abra espaço no contexto de formação de professores para “ficções colaborativas-continuamente criando e recriando visões de mundo e suas posições contingentes dentro delas” (PINEAU, 2010, p. 97). As respostas dos estudantes-performers em situação de experimentação performática aparecem como intervenção para se pensar os rituais de escolarização colocando o corpo em um lugar central e de destaque.

As experimentações performáticas vivenciadas durante todo o processo da pesquisa foram possíveis devido ao envolvimento e compromisso dos sujeitos para com este estudo. Enquanto brincávamos, professora e estudantes, jogávamos e nos permitíamos o descobrir de novas possibilidades interacionais com nossos corpos, instaurávamos, também, uma relação de confiança e credibilidade que resultou em um processo bastante sincero, de ambos os lados, para que a (re)construção dos sentidos de escola pela perspectiva da performance fosse válida e gratificante na reconfiguração de nossa relação com o saber.

Por fim, esta pesquisa pretendeu lançar a possibilidade de novos olhares, a partir de relações ainda pouco pensadas e exploradas no universo acadêmico. Performance e educação se encontraram de modo interdependente deixando, a nós pesquisadores, algumas perguntas sobre nossos sentidos de escola, da escola que temos, a que queremos, a escola que estamos construindo, e que estudantes estamos formando em nossas licenciaturas.

## Referências

FRANÇA, Thyago. Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux. **Interletras**, Grande Dourados, v. 4, n. 22, p.1-10, jan/mar 2016.

GONÇALVES, Michelle Bocchi. **Performance, discurso e educação: (re)construindo sentidos de escola com professores em formação na licenciatura em educação do campo**. 2016. 142f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016

ICLE, Gilberto. Estudos da Presença: prolegômenos para a pesquisa das práticas performativas. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 09-27, jan/jun 2011.

KASPER, Kátia. Dos corpos sentados aos gestos em fuga: estatutos dos corpos em processos de formação. **Revista da Faculdade de Educação** – UNEMAT, Cáceres, v. 13, n. 15, p.79-95, jan/jun 2011.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MCLAREN, Peter. **Rituais na Escola**: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, 1991.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2 ed. Campinas: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, v.2, n. 34, p.75-87, jul/dez 2014.

PEREIRA, Marcelo. Performance e Educação: relações, significados e contextos de investigação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: v. 28, n. 1, p 289-312, jan/mar 2012.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos Cruzamentos entre a Performance e a Pedagogia: uma revisão prospectiva. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 89-113, mai/ago 2010.

\_\_\_\_\_. Pedagogia crítico-performativa: encarnando a política da educação libertadora. In: PEREIRA Marcelo (Org) **Performance e Educação**: Desterritorializando territórios. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SAGASETA, Júlia. Teorias de uma cena performática. In: CARREIRA, André; BAUMGÄRTEL, Stephan. **Nas fronteiras do representacional**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2014.

**Submetido em 12/06/2018**

**Aprovado em 07/05/2020**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)